

O CONTO-CRÔNICA DE YEHUDIT HENDEL: UM RETRATO DO ARTISTA ISRAELENSE

Nancy Rozenchan*

Resumo: Ao abordar um conto de uma das mais conhecidas escritoras israelenses, Yehudit Hendel, pretende-se indicar como elementos de um gênero, a crônica, servem para abranger aspectos da vida pessoal da narradora/escritora, transformando o relato num conto em que se imbricam, aparentemente, elementos destoantes.

Palavras-chave: Literatura hebraica, Gêneros literários, Hendel, Yehudit.

Foi comprar jornal, falou com o cachorro, apagou o cigarro no pé descalço da moça feia, foi destratada, pediu desculpas, não adiantou, sentiu-se mal, o cachorro correu atrás da ambulância, ela morreu. Estes são os elementos iniciais do conto “Sipur bli ktovet” (Uma história sem endereço), de Yehudit Hendel, que nos propomos a abordar aqui.

Pelos itens mencionados, temos um simulacro de crônica que bem poderia ter surgido em qualquer dos nossos jornais ou revistas. Na crônica, gênero estritamente ligado ao jornalismo, segundo Afrânio Coutinho em seu *Notas de Teoria Literária*, menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo: menos o fato em si do que o pretexto ou a sugestão que pode oferecer ao escritor para divagações várias. Partindo dos elementos e narrativa mencionados, Yehudit Hendel, uma das veteranas autoras de Israel, escreveu este primoroso conto em que os aspectos locais entremeiam uma escritura que conduz a um retrato do artista israelense. Yehudit Hendel com frequência fala para a rádio e televisão de seu país a respeito de temas variados. Sua vivência e expressão sobre assuntos aparentemente “pequenos” transparecem nos seus livros, alguns dos quais, justamente por isto, são de definição impossível quanto à questão de gênero e

* A autora é Prof^a. Associada do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH/USP.

forma. “Uma história sem endereço”, em que a crônica dá origem a um conto, é um bom exemplo destes temas e abordagens.

Neste conto, seguindo-se à morte da mulher, o sofrimento e o desaparecimento do cachorro, a narradora-escritora introduz vários outros motivos. Estes motivos, aparentemente desconectados, ao mesmo tempo em que conduzem, por pinceladas, a alguns aspectos da sociedade israelense, levam à exposição da figura da própria escritora-artista, suas observações da poética, da morte, temática sempre recorrente em sua obra, do sentido da existência através das memórias conscientes e inconscientes em que as experiências pessoais são revistas.

A narradora (que podemos identificar com a escritora) testemunha os fatos que mencionamos inicialmente, inclusive o desfalecimento da dama de branco que comprava jornal. A morte desta é atestada no hospital. Até aí, a crônica. O que se segue nos faz penetrar numa ligação de detalhes e associações que conduzem ao âmago existencial da narradora. A narradora viu o cãozinho acompanhar a ambulância. Ela própria, movida por sentimentos diversos não mencionados, dirige-se ao hospital mais tarde, para se informar do ocorrido e lá encontra o animal. Os seguintes fatos e detalhes são alguns dos narrados em seqüência: sugestão de que o cachorro identifique a falecida que não tem documentos, narradora voltando pela Avenida David Hamelech, penumbra, rapaz à sua frente de walkman usando camiseta vermelha, menção da construção da muralha da China feita por um milhão de pessoas, lembrança de que os egípcios tocavam os olhos do morto e a boca e assim tentavam devolver-lhe os sentidos, comentário do rapaz de camiseta vermelha dizendo que não havia cachorro nenhum por ali, em casa, na televisão, reportagem sobre o enterro de um soldado israelense morto no Líbano ao pisar numa mina, reflexões sobre o suicídio do poeta Paul Celan, cujo corpo boiou no rio Sena e a indagação de que roupa estaria ele usando então, lembrança de Zvi, mostrando olhos de vidro em Veneza, volta ao hospital, desaparecimento do cachorro, lembrança da própria mãe e de sua morte há muitos anos, descrita apenas como partida e não como morte, volta para casa, programa de rádio abordando manchas solares, conversa com o rádio, volta o hospital, volta à avenida.

Como e por que a narrativa passa da crônica para o conto composto de fragmentos isolados, fios de memória desconectados, sendo o bloco maior destes fios, o relacionado com a mãe, quase no fim do texto? A empatia inicial dirige-se à mulher de branco que compra o jornal: a moça desagradável cujo pé é queimado pelo cigarro não desperta simpatia; o cachorro, abandonado depois da morte da dona, é o alvo maior das atenções da narradora. Ela acompanha o seu comportamento quando a dona desfalece, quando fica rondando o hospital, quando se dirige ao necrotério para “reconhecer” o corpo, quando anda pela avenida, como se fosse um animal morto. Ele desaparece. O estranhamento começa a ser mais marcado a partir da figura do cão. No nível estilístico o leitor defronta-se com frases como “*atrás de mim, mudo e paciente, vinha o cachorro. Seu pequeno corpo era grande e ele andava morto*”. Os oxímoros aqui presentes, “*pequeno corpo grande*” e “*andava morto*” são um ponto divisor entre a crônica aparente e o que se desenrola em seqüência. O cão, que tanto sofre com o impacto da morte da sua dona, desperta na narradora-escritora toda uma série de imagens concretas ou não tão concretas e lembranças acionadas através do subconsciente. Alguns dos ítems mencionados anteriormente, a morte do poeta, o enterro do soldado mostrado na televisão, Zvi apontando peças de vidro em Veneza (Zvi é Zvi Maierovitch, o falecido marido de Yehudit Hendel; era pintor) servem de preâmbulo à menção da morte da mãe da narradora-escritora, na verdade tema principal desta narrativa, ainda que somente lhe ocupe um capítulo. Ela havia morrido jovem, aos quarenta anos e à pequena filha órfã isto não foi comunicado textualmente. O avô apenas lhe disse “*ela não morreu... ela só partiu*”. O desfalecimento da dama de branco na loja de jornais serviu para trazer à lembrança a mãe, também vinculada à cor branca (“*penteava-se diante de um espelho pequeno num quadro de madeira com verniz branco*”) e a sua morte, tão despropositada quanto a daquela. O desconcerto da situação percebido particularmente através do animal que fica desacomodado (é assim que narradora o vê, enquanto o rapaz de camiseta vermelha diz que não há nenhum cachorro) faz com que a narradora passe a retrabalhar os seus sentimentos relacionados à morte da mãe. Estes sentimentos, principalmente a sensação de abandono inexplicado, ainda que a tivessem acompanhado durante toda a

vida, não tinham aflorado ao seu consciente e lhe causaram uma certa sensação de incompreensão e de desconhecimento de tudo o que se referia à mãe e à sua morte (“*Que idade ela tinha então? Quantos anos ela tem agora? O que é que eu sabia então? O que é que eu sei hoje?*”) Nestes sentimentos fundem-se, além da profunda dor, também muita raiva e fortes sensações de culpa. Daí, por exemplo, temos a importância da cena do apagar o cigarro no pé da moça descalça. Apesar da mulher elegante ter feito o que fez, apagou o cigarro sem prestar atenção a onde o fazia, a narradora nos faz simpatizar com ela: era elegante, de branco, cuidava do cachorrinho. Mas ela surge na história para brigar com a moça descalça, uma metamorfose da narradora quando menina, transformada numa briguenta grosseira. É verdade que a moça tem razão em reclamar. O confronto criado pela narradora é chocante; choca também porque a narradora, identificando-se com a dor e a raiva da moça (desagradável, feia, de pés grandes e nada elegantes), não consegue perdoar a dama elegante, mesmo que o ato tivesse sido cometido involuntariamente, e talvez por isto mesmo. Paralelamente, a narradora se envergonha com a raiva que refreia o perdão, uma raiva desabonadora, que se liga à morte da mãe. É como se esta ira, resultante da morte da mãe (ira representada pela queimadura no pé e a sensação subjetiva de desprezo), fosse, na realidade, a causadora da morte. Na parte que denominamos de crônica, a dama morre aparentemente devido a um ataque cardíaco em consequência da discussão.

O principal foco emocional do conto não se concentra, porém, na morte da mãe e nos sentimentos que se seguiram, mas no que ocorreu mais tarde, no decorrer dos anos. A figura da mãe continuou a dominar os aspectos emocionais da vida da filha. Da mãe foi dito que não havia morrido, só partido. A filha passou a carregar a morte da mãe dentro de si. Daí, a sua identificação com o cachorro e com o seu caminhar estranho. Quando a dama de branco desfaleceu, o cão assumiu, de certa maneira, a impossível missão de salvá-la. A narradora menciona como ele estreitou a mulher, em desespero, com o focinho e as patas. Ela não teve a oportunidade de fazer isto com a mãe. Mais adiante ela se lembra como os antigos egípcios tocavam olhos e boca do morto para tentar reanimá-lo, exatamente como fizera o animal. Depois ela o descreve, dizendo para si própria, “*o cachorro con-*

tinuou a andar atrás de mim morto, e eu disse a mim mesma que, como ele está morto, andará atrás de mim eternamente.” Por esta colocação temos que o cão é então uma representação da mãe (que não morreu, mas partiu, andou, portanto anda morta, eternamente atrás dela). Mas, sem dúvida, mais do que isto, é uma representação da filha, que deve continuar a caminhar carregando a morte dentro de si. Este é o motivo pelo qual a narradora faz convergir grande parte da carga emocional para o animal no decorrer da narrativa. E quando ela se zanga com os funcionários do hospital por não darem maior atenção ao animal, é sobre si própria que ela pretende chamar a atenção. Quando ele desaparece, o que não significa que seus problemas estão resolvidos, ela passa a outros elementos/saídas. O rapaz do walkman, ao mencionar a construção da muralha da China a respeito do que ouviu no aparelho, pode ser entendido como um astronauta (pela aparência com os fones de ouvido) que, do planeta Terra, não enxerga outras minúcias, só a muralha. Outra saída diferente é aquela representada pelo suicídio do poeta Paul Celan. Como estas soluções não podem ser satisfatórias, ela transfere seu ressentimento aos objetos que, mortos, guardam a beleza: os olhos de vidro de Veneza comentados pelo falecido marido e uma velha árvore morta citada pela mãe. Por fim, a menção ao enterro do soldado. É algo mais concreto, este morre mesmo, não parte, é enterrado, há uma mãe presente, sofredora. Os outros presentes ao enterro, as autoridades, estão todos de óculos escuros, alheios, enxugando o suor. Apesar da morbidez, o enterro verdadeiro pode simbolizar alguma saída. É o único caso em que ao menos existe uma pessoa viva sofrendo, extremamente oposta, como nos outros casos, aos presentes alheios, aqui as autoridades impassíveis que, com seus óculos escuros, parecem vir de outro planeta e a quem esta morte não toca. O conto se encerra com a narradora no espaço aberto da avenida, entre as árvores, no calor. Sobre as árvores, uma estreita senda branca. É um caminho?

“Uma história sem endereço”, como as outras obras de Yehudit Hendel, traz uma energia explosiva que irrompe de um espaço interior ardente à procura de expressão, e nele a escritora revela sua face mais dolorosa. Concluimos com Afrânio Coutinho, quando este diz, referindo-se à *crônica*, que é um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima,

ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres, motivo pelo qual o cronista é um solitário com ânsia de comunicar-se. Se conseguirmos entender as mensagens e códigos de Hendel, teremos aprendido muito sobre nós mesmos. Somos os destinatários.

BIBLIOGRAFIA

HENDEL, Yehudit (1988) “Sipur bli ktovet” in *Késsefkatan*. Keter & Hakibutz Hameuhad, Jerusalém. Versão brasileira: “Uma história sem endereço” (tradução de Nancy Rozenchan), maio de 1994. *Shalom* n. 301, p. 64-68.

COUTINHO, Afrânio (1976) *Notas de Teoria Literária*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

Abstract: *By approaching a story of one of the leading Israel's writers, Yehudit Hendel, this paper intends to point out how chronicle-genre's elements are used to encompass aspects of the narrator /writer's personal life, transforming the narration into a story where apparently discording elements mingle together.*

Keywords: *Hebrew literature, genres, Hendel, Yehudit.*